

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NA ESCOLA DO CAMPO MAIADINHA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE

Dulcimar Carvalho dos SANTOS¹, Severina Alves de ALMEIDA Sissi²,
Rosineide Magalhães de SOUSA³, Ana Aparecida MOURA⁴

¹ Professora da Escola Maiadinha na Comunidade Quilombola Vão de Moleque. Licenciada em Educação do Campo. E-mail: dulcimarcarvalhokalunga@gmail.com.

² Professora Adjunta da Faculdade de Ciências do Tocantins – FACIT. Doutora em Linguística (UnB). Mestre em Ensino de Língua e Literatura (UFT). Pedagoga (UFT).
e-mail: sissi@faculdefacit.edu.br.

³ Professora Adjunta da Universidade de Brasília. Doutora em linguística.
E-mail: rosimaga@uol.com.br.

⁴ Professora do Instituto Federal de Roraima. Doutora em Linguística (UnB).
e-mail: ana.aparecida.moura@gmail.com.

Resumo

Nesta monografia temos o resultado de uma pesquisa realizada com os Kalunga da comunidade Maiadinha do Vão do Moleque em Cavalcante Goiás. O objetivo foi fazer um estudo sobre a Alfabetização e o Letramento na Educação Infantil da escola Maiadinha. Para tanto realizamos uma pesquisa qualitativa com procedimentos da etnografia participante quando a escola se envolveu no trabalho com as crianças. A fundamentação teórica abrangeu Educação do Campo; Educação Infantil; Crianças quilombolas; Alfabetização. Letramento Infantil e as práticas pedagógicas de uma Professora do Primeiro ano do Ensino Fundamental. Os resultados permitem afirmar que a Professora se esforça para não apenas alfabetizar mas também letrar as crianças. Para isso ela utiliza-se de uma metodologia própria, partindo da realidade da comunidade. As brincadeiras, cantigas e outras atividades lúdicas são aspectos fundamentais de sua prática docente, com resultados positivos na aprendizagem das crianças quilombolas de Maiadinha, Vão do Moleque.

Palavras chave: Educação Infantil; Alfabetização; Letramento Infantil; Crianças Quilombolas.

Abstract

In this monograph we have the result of a survey conducted with the Kalunga community of Maiadinha Vão do Moleque Cavalcante in Goiás. The goal was to make a study on Literacy and Literacy in Early Childhood Education Maiadinha school. To this end we conducted a qualitative survey of procedures of participatory ethnography when school's involved in working with children. The theoretical framework included Rural Education; Childhood education; Maroons children; Literacy. Child literacy and pedagogical practices of a teacher of the first grade of elementary school. The results allow us to state that the

teacher strives to not only literacy but also letrar children. For this it makes use of a methodology, based on the community's reality. The games, songs and other fun activities are fundamental aspects of their teaching practice, with positive results in learning the Maroons children Maiadinha, Vão do Moleque.

Keywords: Childhood Education; Literacy; Children's Literacy; Maroons Children

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a primeira etapa de Educação Básica, e ensinar as crianças práticas de leitura e escrita é o objetivo maior. Esse nível educacional é contemplado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96, e a idade de ingresso, obrigatória, a partir de 13 de abril de 2013, é de 4 (quatro anos) conforme a Lei 12.726 que altera a atual LDB 9394 (BRASIL, 1996). Como novidade, o texto modifica o artigo 6º tornando "dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade". A matrícula dessas crianças pequenas deve ser feita na pré-escola. Estados e municípios têm até 2016 para garantir a oferta a todas as crianças a partir dessa idade.

Alfabetização, segundo Magda Soares (1998, p. 31) é "a ação de alfabetizar, tornar o indivíduo capaz de ler e escrever". Para Tizuko Morchida Kishimoto (2010), é com o aparecimento do termo "*literacy*", que surge o letramento no Brasil, como ação de ensinar e aprender práticas sociais de leitura e escrita. De acordo com essa autora, o letramento diz respeito à identidade e agência do aprendiz na aquisição da linguagem, como comenta Soares (1998, p. 30): "Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido

a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita"; apropriar-se da escrita é tornar a escrita "própria", ou seja, é assumi-la como sua "propriedade".

Nesse sentido, apresentamos esta Monografia que realizou um estudo sobre a ocorrência do Letramento na Educação Infantil das crianças quilombolas da comunidade Kalunga Vão do Moleque, tendo como foco uma escola do campo e suas práticas educativas e pedagógicas.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1.1. Considerações iniciais

Nesta seção apresentamos como se realizou a pesquisa, os objetivos e a justificativa que deram suporte para que a metodologia possibilitasse alcançar os resultados que deram origem a essa Monografia.

1.2. Justificativa

A importância da pesquisa está, principalmente, no fato de que a alfabetização das crianças do campo, em especial, quilombolas, tem se tornado um assunto de muita relevância, uma vez que são muitas as dificuldades enfrentadas pelos professores nesse contexto rural brasileiro.

Ademais, na medida em que a criança é alfabetizada, ou seja, adquire práticas de leitura e escrita, ela se torna letrada em relação às práticas e domínios da norma culta da Língua Portuguesa. Segundo Kishimoto (2010, p. 20), “[...] a criança torna-se letrada na atividade situada, por meio de diferentes instrumentos sociais de comunicação, por exemplo, os textos da vida cotidiana, como os mapas, sinais de trânsito, horários de transporte coletivo, são fundamentais para a inserção no mundo”.

De acordo com Paulo Freire (1984, p. 11), “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e a aprendizagem inicia-se antes da escola formal. Para saber o que as crianças trazem para a escola, as professoras e professores precisam ser bons observadores e ouvintes. Para comunicar-se, a criança precisa aprender como funciona a linguagem e fazer uso dela em diferentes contextos, casa, escola e ambientes sociais. Assim sendo, realizar uma pesquisa que trate de estudar como se dá a prática de letramento, ou seja, como a alfabetização das crianças ocorre na sala de aula e fora dela, é muito relevante, e é isso que propomos neste trabalho.

Como se sabe, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, e também a mais importante, pois é a partir dessa fase que as crianças podem despertar para o gosto da leitura e da escrita, ou não. Dessa forma, essa pesquisa que realizamos na Escola do Campo Maiadinha da Comunidade Kalunga Vão do Moleque, se justifica porque esse é um campo de investigação muito presente atualmente, despertando o interesse de toda a comunidade acadêmica brasileira.

Afinal, entender como as crianças camponesas

aprendem práticas de letramento por meio da alfabetização na Educação Infantil, pode contribuir com os professores da escola pesquisada, e auxiliá-los nos trabalhos pedagógicos na sala de aula.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral

Identificar, perceber e analisar como se realizam as práticas de letramento na Educação Infantil, na fase de alfabetização, das crianças quilombolas da Comunidade Kalunga Vão do Moleque, Escola Municipal Maiadinha.

1.3.1.1. Objetivos Específicos

- ❖ Entender e conceituar Letramento Infantil; Educação Infantil; e Alfabetização no contexto da Educação do Campo;
- ❖ Descrever e analisar conceitos de Educação Infantil e Educação Infantil do Campo;
- ❖ Apresentar a Comunidade Kalunga Vão do Moleque, geográfica, social e culturalmente, descrevendo sua história enquanto povo quilombola;
- ❖ Mostrar como se efetiva a Educação Infantil e as práticas de letramento na alfabetização das crianças, com até seis anos de idade, da Escola do Campo Maiadinha Vão do Moleque.

1.4. Metodologia

A pesquisa se realizou na comunidade Kalunga Vão do Moleque e em sua Escola Maiadinha. Sendo assim, os procedimentos foram:

Estudos Teóricos/Pesquisa Bibliográfica: Este procedimento se caracterizou por revisão

bibliográfica, e se efetivou durante todo o período de realização do trabalho, de forma que subsidiou as demais etapas da investigação.

Pesquisa Documental: Tal procedimento fez-se necessário uma vez que, para se estudar a Educação e Educação do Campo, bem como Os Kalunga da comunidade Vão do Moleque, foi necessário fazer um levantamento dos documentos que norteiam as ações desses campos teóricos.

Pesquisa na Perspectiva Etnográfica: Por ser um trabalho desenvolvido numa comunidade com aspectos socioculturais muito específicos e por sua tradição quilombola, a pesquisa se situa no campo da Etnografia, pesquisa qualitativa por excelência.

Estudo de caso Etnográfico: Por ser este um tipo de pesquisa com abordagem qualitativa e/ou interpretativa, que busca compreender e retratar a particularidade e a complexidade de um grupo natural ou microcultura, a partir dos significados subjetivos de seus atores, coletados em seu contexto ecológico, por meio de observação participante, entrevistas e narrativas escritas, (MARTUCCI, 2001), utilizamos seus procedimentos.

Pesquisa de Campo: Se realizou na Comunidade Kalunga Vão do Moleque, e em sua escola, e se efetivou mediante os procedimentos de coletas de dados com entrevistas e aplicação de questionários.

Fase Exploratória: Esta, considerada a primeira

etapa do processo de etnográfica (ALMEIDA, 2011), foi de fundamental importância devido ao fato de encaminhar as fases subsequentes da pesquisa. Possibilitou melhor entendimento dos aspectos internos investigados; proporcionou a incidência de um diagnóstico acerca da realidade no ambiente da pesquisa.

1.5. Contexto da pesquisa

O contexto de realização da pesquisa é uma comunidade Kalunga, Vão de Almas, situada em Cavalcante, Estado de Goiás, Brasil. Para uma efetiva visualização do ambiente pesquisado apresentamos as subseções a seguir.

1.5.1. O Estado de Goiás

a) O Estado de Goiás: Síntese⁵

GOIÁS	Capital: Goiânia
População estimada 2015	6.610.681
População 2010	6.003.788
Área (km ²)	340.111.376
Densidade demográfica (hab/km ²)	17,65
Rendimento nominal mensal domiciliar <i>per capita</i> da população residente 2014 (Reais) ⁽¹⁾	1.031
Número de Municípios	246

Quadro 1. Estado de Goiás.

Goiás é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Situa-se a leste da Região Centro-Oeste, no Planalto Central brasileiro. O seu território é de 340.11.376 km², sendo delimitado pelos estados

⁵ Fonte: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php>. Acesso 23-nov-2015.

do Mato Grosso do Sul a sudoeste, Mato Grosso a oeste, Tocantins a norte, Bahia a nordeste, Minas Gerais a leste, sudeste e sul e pelo Distrito Federal a leste⁶. Sua população segundo dados do IBGE (2010), é de 6.003.788 habitantes.

A origem do topônimo Goiás (anteriormente, Goyaz) é incerta e necessita de pesquisas mais aprofundadas. Usualmente, afirma-se que o termo viria da suposta tribo dos índios Goiazes que teria habitado a região próxima à Cidade de Goiás e se extinguido rapidamente. Entretanto, não há qualquer vestígio físico ou imaterial da existência real de tal tribo⁷.

Nesse sentido, podemos encontrar apenas relatos distantes, esparsos e divergentes⁸, que apontam que haveria um mito entre os indígenas e caboclos vicentinos, principais integrantes das bandeiras que iniciaram a ocupação de Goiás no século XVIII, dizendo que haveria no interior do continente um povo chamado "Goyá" ou "Guaiana" que possuía cerâmica e agricultura bem desenvolvidas e seriam parentes da Nação Tupi. Daí o termo "Guaiá", forma composta de "Gua" e "iá", que em Tupi significa, entre outras possibilidades, "indivíduo igual", "pessoas de mesma origem". Isto nos leva a supor que quando as bandeiras encontraram ouro na Serra Dourada, próximo à atual cidade de Goiás, o nome mítico "Guaiá" teria sido empregado para denominar a área pelos indígenas paulistas, que também pertenciam ao grupo Tupi⁹.

1.5.2. Histórico do Município de Cavalcante¹⁰

Cavalcante é um município brasileiro do estado de Goiás, localizado ao norte da Chapada dos Veadeiros, que abriga uma parte da comunidade

Kalunga, dentro do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, principalmente no Povoado Engenho e no Vão do Moleque.

Entre suas atrações turísticas destacam-se várias cachoeiras, como as do Rio Prata, de Santa Bárbara, da Capivara, as da Veredas e a Ponte de Pedra. Apesar de não possuir ainda um acesso em seu território, Cavalcante também abriga cerca de 60% da área total do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

A origem de Cavalcante remonta a 1736, quando o garimpeiro Julião Cavalcante e seus companheiros chegaram a região em busca de novas minas de ouro. A notícia da descoberta de imensa mina de ouro de grande profundidade à margem do córrego Lava Pés, na serra da Cavallhada, atraiu numerosos aventureiros dos mais distantes rincões, iniciando-se o povoado com o nome de Cavalcante, em homenagem ao fundador e colonizador¹¹. Conforme o censo do IBGE (2010) a população de Cavalcante é de 9.932 habitantes, distribuída entre homens e mulheres. A população masculina representa 4.915, enquanto a população feminina é de 4.477 habitantes.

1.5.3. Os Kalunga: A Comunidade Vão do Moleque¹²

Calunga ou Kalunga é o nome atribuído á descendentes de escravos fugidos e libertos das minas de ouro do Brasil central que formaram comunidades autossuficientes e que viveram mais de duzentos anos isolados em regiões remotas próximas à chapada dos veadeiros, no atual estado de Goiás. São três as comunidades Calungas: Nos municípios de Cavalcante, Teresina

⁶ Fonte: <https://pt.wikipedia.org>. Acesso 23-nov-2015.

⁷ Fonte: Fonte: <https://pt.wikipedia.org>. Artigo "Os Índios Goyá, os Fantasmas e Nós, de Antón Corbacho Quintela, publicado na Revista UFG de junho de 2006. Acesso 23-nov-2015.

⁸ Fonte: Fonte: <https://pt.wikipedia.org>. "História antiga das Minas Gerais", publicada por Diogo de Vasconcelos em 1904; "Memória sobre o descobrimento, governo, população e coisas mais notáveis da Capitania de Goyaz", escrita pelo padre Luiz Antônio da Silva e Souza em 1812; "Raízes do Brasil", de Sergio Buarque de Holanda. Acesso 23-nov-2015.

⁹ Fonte: <https://pt.wikipedia.org>. Acesso 23-nov-2015.

¹⁰ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalcante>. Acesso 23-nov-2015.

¹¹ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalcante>. Acesso 23-nov-2015.

¹² Fonte: <http://www.brasiloste.com.br/2004/05/kalunga>. Acesso 24-nov-2015.

de Goiás e Monte alegre de Goiás. A mais populosa comunidade está situada no município de Cavalcante, com pouco mais de duas mil pessoas, distribuídas nas localidades do Engenho II, Prata, Vão do Moleque e Vão das Almas, sendo esta última a mais recente a se integrar no seio do município (cerca de trinta anos)¹³.

Todas dessas Comunidades do território kalunga são de difícil acesso, Mesmo nos locais onde têm estradas, a maioria em condições inapropriadas, na época das chuvas os rios transbordam, impossibilitando a passagem de carros.

A forma de sobrevivência dos povos Quilombolas cada dia se torna mais complicadas e difíceis, as roças são prejudicadas por fatores climáticos e ainda têm que se apertarem entre as terras férteis restantes que não são cobiçadas e/ou já havia sido tomadas por fazendeiros, grileiros e posseiros. No entanto, esse problema parece não ter mais as mesmas proporções que antes.

A preocupação agora é com a urgência em sair á titulação das terras (e consequente indenização para os proprietários legítimos, inclusive Kalunga, para a desintrusão), agora garantidas por lei, e com o fato de tal título ser coletivo, o que impediria os Kalunga de decidirem o destino de suas próprias terras.

Essa realidade, no entanto, é comum a diversas comunidades quilombolas espalhadas pelo país. Embora existam 2.228 comunidades remanescentes de quilombos.

As mulheres Kalunga do vão do Moleque são responsáveis pela maior parte das atividades

domésticas. Em casa, acorda cedo, antes de o sol raiar, vai fazer café, lavar vasilha, às vezes roupa e pilar o arroz, antes de ir para roça, em alguns casos. Na roça faz todo tipo de serviço. Durante o plantio, abre buraco, semeia o chão, arranca mato, espanta periquito. Participa da colheita e da separação dos grãos, em muitos casos, essa tarefa é realizada exclusivamente por ela, já que o marido tem “outros negócios” para resolver, a maioria só vê o marido de manhãzinha e à noite quando retorna de suas longas “campeadas”.

Existem famílias cuja dinâmica é diferente, o marido participa integralmente do cultivo da roça, e em poucos casos, a mulher nem participa, mas é minoria. Durante a lida na roça, ainda tem que fazer o almoço, caso o marido apareça, descascar e preparar o arroz para janta, enquanto ele não está Preferem não sair de casa. Porque o marido ou filhos podem chegar e querer comer, às vezes adiam seus compromissos diários, como lavar roupa e vasilhas, na expectativa de que eles apareçam. Algumas vezes, eles só retornam de madrugada, não fazendo as refeições em casa.

Os filhos fazem companhia e ajudam na lida diária da mãe, que deve ainda cuidar deles, pelo menos até os sete anos. Após essa idade vão para escola ou mudam de vez para “rua”, onde o ensino é melhor. Poucos retornam na idade adulta, e quando o fazem constituem sua própria família e domicílio e a grande maioria vão para as grandes capitais em busca de empregos e melhores condições de vida. Deixando totalmente a sua rica e tranquila vida do campo.

Em alguns períodos, o marido viaja para vender

¹³ Fonte: <http://www.brasiloste.com.br/2004/05/kalunga>. Acesso 24-nov-2015.

gado e/ou comprar produtos na cidade ou realizar outro tipo de negócio. Nesses períodos, as mulheres ficam sozinhas, esperando o retorno do marido, se sentem desamparadas e solitárias. Os homens em casa devem coletar lenha, tirar leite da vaca e em alguns casos pegar água. Na roça são responsáveis em limpar e capinar o terreno e ajudar na colheita. A criação de gado é uma atividade exclusiva do homem. Como o gado é criado solto, quando é preciso reuni-los para vacinação ou venda, eles “campeam” por dias os

procurando.

O homem é responsável em prover a família, administrar a renda e realizar a compra dos produtos. Por esses motivos, estão sempre fora resolvendo algum negócio, “campeando”. As mulheres afirmam que em muitos casos, eles ficam proseando, contando “causo” e bebendo na casa de algum “cumpadre”, por isso, muitas vezes não chegam cedo em casa, como já pude presenciar.



Foto1. Dedo do Moleque¹⁴.

A comunidade Kalunga pode ser dividida em quatro agrupamentos principais: Ribeirão dos Bois, Vão de Almas, Vão do Moleque e Engenho II, nos municípios de Monte Alegre, Teresina de Goiás e Cavalcante, respectivamente, sendo os dois últimos no município de Cavalcante (TAHÍS ALVES MARINHO, 2008).

Segundo essa autora:

O termo “Vão” indica literalmente um vão entre os morros, serras e rios da região, ou seja, um pedaço de terra

mais ou menos plano localizado entre os morros e serras às margens dos rios, constituindo um lugar perfeito para se esconder de colonizadores e manter uma agricultura de subsistência, além de ser possível várias rotas de fuga, seja pelo rio ou pelos morros. Assim, a região ficou conhecida como Vãos da Serra Geral, e algumas comunidades levam o nome de vão, como o Vão do Moleque no município de Cavalcante e o Vão de Almas no município de Teresina de Goiás (MARINHO, 2008, p. 10).

¹⁴ Fonte: <http://nathanaeldias.blogspot.com.br/2014>. Acesso 24-nov-2015

A partir de visitas em festejos da região é possível notar com alguns dos problemas recorrentes à comunidade. Durante os festejos se fala muito em como antigamente é diferente. Os mais velhos “clamam” que no passado se dançava mais sussa e curradeira e que agora o povo bebia muito e ouvia apenas forró. Os jovens quando não iam embora, não queriam mais trabalhar na roça, ficam bebendo. Os mais velhos atribuem todos esses “males” à “rua” (zona urbana e cidades) (MARINHO, 2008).

Apesar da hospitalidade e do bom humor sempre presentes entre os Kalunga da Comunidade Vão do Moleque, e da impressão de fartura que os festejos podem sugerir, existem outros problemas. As pessoas sempre muito brincalhonas e bem humoradas, escondem atrás dos sorrisos marotos uma vida difícil marcada por lutas. Ali, não há abastecimento de água, energia elétrica ou esgoto, as secas se intensificam e se prolongam com a falta de chuvas, cada vez menos frequentes, as estradas são precárias e em alguns locais se quer existem, faltam pontes em diversos locais (MARINHO, 2008), fatos constatados por nós, moradores da comunidade.

Ainda segundo Marinho (2008), o atendimento médico e hospitais somente nas cidades, que ficam a dias de mula e/ou andando, muitos contaram que já haviam transportado ou sido transportados quando “arruinavam” (ficavam doentes) em redes apoiadas nos ombros de parentes, por quilômetros. Mesmo nos locais onde têm estradas, a maioria em condições inapropriadas, na época das chuvas os rios transbordam, impossibilitando a passagem de carros. Embora em alguns povoados já houvesse

escolas, frutos das recentes políticas afirmativas, muitas crianças e jovens têm que migrar para as cidades em busca de educação e trabalho. Esses problemas também são constatados por nós, pois vivenciamos o cotidiano de uma vida de lutas e desafios para sobreviver.

1.6. Considerações Finais

Nesta seção apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa e o contexto em que a mesma se realizou. No capítulo 2, a seguir, a fundamentação teórica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Considerações Iniciais

Atualmente, e de acordo com Lucia Mara de Lima Padilha e Maria Isabel Moura Nascimento (2010), o Governo Brasileiro, mediante a Coordenação Geral de Diversidade, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), do Ministério da Educação (MEC), têm desenvolvido projetos e políticas que buscam oferecer uma educação de qualidade às comunidades quilombolas, visando a desenvolver os potenciais de crianças adolescentes e jovens e adultos quilombolas. Neste sentido, a SECAD promoveu em novembro de 2010 o I Seminário Nacional de Educação Quilombola com a finalidade de produzir subsídios para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Quilombola.

Partindo dessa perspectiva, apresento as teorias que fundamentam a pesquisa, e que se inserem nas publicações sobre: Educação do Campo; Educação Infantil no Campo; Letramento Infantil; Crianças quilombolas;

2.2. Educação do Campo

Educação do Campo, construída num espaço de lutas dos movimentos sociais e sindicais do campo, é traduzida como uma concepção político pedagógica, voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos, quilombolas, indígenas e extrativistas (CNE/MEC, 2002).

A finalidade da Educação do Campo, portanto, é oferecer uma educação escolar específica associada à produção da vida, do conhecimento e da cultura do campo e desenvolver ações coletivas com a comunidade escolar numa perspectiva de qualificar o processo de ensino e aprendizagem, das escolas e na construção de um currículo que atenda as especificidades dos povos.

Segundo Caldart (2009, p. 29), a Educação do campo originou-se como crítica à realidade da educação brasileira atual, particularmente em relação à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo. Para essa autora, tal crítica nunca foi à educação em si mesma, isso porque seu objeto é a realidade dos trabalhadores do campo, o que necessariamente a remete ao trabalho e ao embate entre projetos de campo que têm consequências sobre a realidade educacional e o projeto de país. Ou seja, “[...] precisamos considerar na análise que há uma perspectiva de totalidade na constituição originária da Educação do campo” (CALDART, 2009, p. 29).

2.2.1. Educação do Campo na FUP/UnB - LEdoC

A Universidade de Brasília UnB, em seu campos de Planaltina DF, oferece um curso específico em formação de professores para atuarem nas escolas do campo. O mesmo se efetiva mediante a Pedagogia da Alternância.

Segundo Nawroski (2012), a Pedagogia da Alternância é uma prática que surgiu em meio a um grupo de camponeses no interior da França que procuravam fomentar uma estratégia de escolarização capaz de manter os filhos vinculados à família e à propriedade. Dessa forma, que surge como uma proposta pedagógica a alternância de estudos na tentativa de ser uma proposta de educação mobilizadora, capaz de incentivar os jovens a irem à escola, sem terem que deixar o campo e a família. A Pedagogia da Alternância, a que a autora denomina de uma proposta pedagógica, está sendo bastante discutida na medida em que vem tomando proporcionalidade dado os vários projetos de educação do campo que vem ocorrendo nos últimos anos.

Segundo o Projeto Político Pedagógico PPP da FUP-UnB (2009), o curso de realiza organizado em turmas específicas, compostas a partir de demandas identificadas pela Instituição e/ou pelas parcerias constituídas, de modo a favorecer uma formação identitária de turma e a gestão coletiva do processo pedagógico. Esta forma de organização curricular deverá intencionalizar atividades e processos que garantam/exijam sistematicamente a relação prática-teoria-prática vivenciada no próprio ambiente social e cultural de origem dos estudantes (Conforme proposta do MEC). A Organização curricular se dar por etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos

regulares) em regime de alternância entre Tempo/Espaço; Curso e Tempo/Espaço Comunidade Escola do Campo, para permitir o acesso e a permanência nesta Licenciatura dos professores em exercício e não condicionar o ingresso de jovens e adultos na educação superior à alternativa de deixar de viver no campo. (Conforme Proposta MEC)¹⁵.

A Instituição disponibiliza um alojamento que recebe os alunos a cada bimestre para realizar as atividades do tempo comunidade que se revezam, alternando o tempo comunidade TC com o tempo universidade TU. Neste espaço tem também uma Ciranda, local onde as mães podem deixar seus filhos pequenos enquanto participam das aulas.

2.3. Educação Infantil

A Educação Infantil no Brasil tem sido objeto de debates, o que favorece uma legislação ampla para sua implementação. Nesse sentido, a LDB 9394 de 20 de dezembro de 1996, afirma o seguinte:

Seção II

Da Educação Infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II – pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, 1996, p. 25-26).

Além desse documento, tem também três volumes do Referencial Nacional da Educação Infantil RCNEI 1, 2, e 3 (BRASIL, 1998), que oferece orientações curriculares para a prática pedagógica dos professores desse nível de ensino.

Em relação à Educação Infantil do Campo, destaco o documento oficial do Ministério da Educação MEC, "Educação Infantil do Campo Proposta para a expansão da política", documento produzido pelo Grupo de Trabalho Interinstitucional - GTI, instituído pela Portaria Interministerial número 6/2013, assinada pelos Ministros de Estado da Educação, do Desenvolvimento Agrário e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (BRASIL, 2014).

Nessa perspectiva, a alfabetização das crianças até seis anos de idade ganha prioridade, e o fato de existir um documento específico para a educação das crianças do campo é um grande avanço.

2.3.1. Educação Infantil do/no Campo

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo (BRASIL, 2010), como todas as crianças, a criança do campo brinca, imaginam, sente o mundo por meio do corpo, constrói hipóteses e sentidos sobre sua vida, sobre seu lugar e sobre si mesmas. A criança faz arte, faz estripulias, sofre e se alegra. A criança do campo constrói sua identidade e autoestima na relação com o espaço em que vive, com sua cultura, com os adultos e as crianças de seu grupo. Ela constrói amizades, compartilha com outras crianças segredos e regras. Brinca de faz-de-conta, pula, corre, fala e narra suas experiências, conta

¹⁵ Fonte: PPP LEdoC FUP/UnB. Disponível: <http://www.fup.unb.br>. Acesso 25-nov-2015.

com alegria e emoção as grandes e pequenas maravilhas no encontro com o mundo. Mas, também é importante considerar que as crianças do campo possuem seus próprios encantos, modos de ser, de brincar e de se relacionar.

As crianças do campo têm rotinas, experiências estéticas e éticas, ambientais, políticas, sensoriais, afetivas e sociais próprias. Os tempos de plantar e de colher, os ciclos de produção, de vida e de morte, o tempo das águas e estiagem, as aves e bichos do mato, dos mangues, dos pantanais, a época de reprodução dos peixes, aves, pássaros e outros animais, o amanhecer e o entardecer, o tempo de se relacionar com os adultos e crianças, tudo isso marca possibilidades diferenciadas de viver a infância, na multiplicidade que o campo brasileiro se configura, numa relação orgânica com a terra que pinta os pés com força e marca a pele, os dedos e as unhas e delinea sorrisos. (BRASIL, 2010).

No tocante à educação infantil do campo, esta inclui a diversidade de povos e populações que vivem nos territórios rurais do País. O campo brasileiro é bastante diverso. Reconhecendo essa característica, a Resolução 02/2008, do Conselho Nacional de Educação, que estabelece diretrizes, normas e princípios para a Educação Básica do Campo, define as populações rurais como: agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras e outros (BRASIL, 2010).

As crianças do campo brincam de peteca, de ciranda, cobra-cega, barra manteiga, morto e vivo, bolinhas de sabão, casinha, passa anel, queimada, esconde-esconde, pular corda, coelho sai da toca,

boca de forno, mas também recriam brincadeiras e criam outras próprias. Brincam de ladrões de pião, telefone sem fio, pião de chicote, jerimum, pata-cega, corrida do caranguejo, galinha gorda, sobem em árvores, contam histórias de bicho de pé, de picadas de abelhas, caminhas de boneca, folhas de simbaíba em barquinhos, gravetos, pedras em carros, cavalos, pontes (BRASIL, 2010). Como todas as crianças brasileiras, as crianças do campo são sujeitos de direitos, e têm garantido o direito de frequentar creches e pré-escolas com qualidade. Direito a educação infantil no campo, oferecida perto de sua casa, na sua comunidade. Direito em transportes escolares de serem transportadas com dignidade e de não percorrerem longos trajetos entre a casa e a creche/pré-escola. Direito de conviverem com outras crianças, de terem acesso a espaços, materiais, brincadeiras e tempos organizados para que vivam plenamente suas infâncias e para que se encantem com as descobertas e os conhecimentos que a humanidade já fez e produziu e que seu grupo (re)cria nas interações cotidianas entre seus membros, adultas e crianças. Direito a espaços organizados, planejados e orientados para a educação e seu pleno desenvolvimento. Mas essas crianças têm ainda direito a uma educação infantil do campo! Uma educação infantil que valorize suas experiências, seus modos de vida, sua cultura, suas histórias e suas famílias, que respeite os tempos do campo, os modos de convivência, as produções locais (BRASIL, 2010).

Enfim, as crianças do campo têm direito a uma educação infantil que permita que a criança conheça os modos como sua comunidade nomeia o mundo, festeja, canta, dança, conta histórias, produz e prepara seus alimentos. Creches e pré-escolas com a cara do campo, mas também com

o corpo e a alma do campo, com a organização dos tempos, atividades e espaços organicamente vinculados aos saberes de seus povos.

Ainda de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo (BRASIL, 2010), a desigualdade de oportunidades entre o campo e a cidade em relação à saúde, moradia e educação é uma realidade. Na educação infantil isso não é diferente. Criar as vagas da educação infantil oferecida em escolas do campo constitui um grande desafio nacional, uma vez que em muitos dos espaços rurais brasileiros, sequer existem escolas voltadas ao atendimento desse segmento da sociedade. Junto com esse desafio, é necessário discutir e construir, a partir das experiências acumuladas, qual educação infantil queremos para as nossas crianças do campo (BRASIL, 2010).

Nessa construção, devemos criar propostas que vivência a partir da realidade específica tendo presente as diversidades encontradas nas várias regiões do país. Devemos garantir uma educação infantil que contemple as crianças nos seus contextos e, ao mesmo tempo, articule o atendimento a todos os seus direitos. É necessário compreender que atender ao direito à educação infantil da criança do campo é garantir o compromisso com a infância brasileira (BRASIL, 2010).

Uma educação infantil do campo de qualidade, para além dos indicadores gerais de qualidade da educação infantil, já construídos nacionalmente, necessita considerar novas questões, construindo um cenário de relações positivas da criança com suas origens e lugares de vida, consigo mesma e com o seu grupo de referência, valorizando

suas experiências cotidianas. É nos anos iniciais que a criança constrói sua autoimagem, na relação com a imagem de seu grupo social e cultural e do lugar em que vive. Oferecer uma educação infantil que não seja profundamente comprometida com a valorização dos saberes dos povos do campo, significa colocar as crianças do campo em posições de inferioridade; reiterar os estereótipos, necessariamente no caso das áreas de assentamentos rurais. (BRASIL, 2010).

2.4. Letramento Infantil e Alfabetização

Letra é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Magda Becker Soares, professora titular da Faculdade de Educação da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e doutora em educação, explica que ao olharmos historicamente para as últimas décadas, poderemos observar que o termo alfabetização, sempre entendido de uma forma restrita como aprendizagem do sistema da escrita, foi ampliado. Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização funcional (denominação dada às pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita). O sentido ampliado da alfabetização, o letramento, de acordo com Magda, designa práticas de leitura e escrita. A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de frequentar revistarias, livrarias, e com esse convívio efetivo

com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita¹⁶.

2.4.1. Letramento e Letramento Infantil

Assim sendo, o letramento infantil assume um lugar de destaque, pois, de acordo com a Smed (1999), Goldschmied e Jackson (2006), *apud* Évelin Albert (2011, p. 2), as crianças:

[...] desde que nascem vão construindo suas características: sua maneira de pensar, agir, sentir, sua visão de mundo, etc. Porém, isso tem grandes influências do meio em que ela está inserida. Nesse sentido, a criança vai se constituindo com o que vai se identificando dentro de seu meio social. Sendo assim, a escola de Educação Infantil é fundamental, pois auxilia a criança na busca do seu autoconhecimento. A participação dos pais dentro da escola também é essencial, uma vez que a criança consegue se socializar muito melhor, pois, se sente acolhida e segura neste meio.

Ainda de acordo com a autora citada, essa interação social, assim como a elaboração de hipóteses, o conhecimento e busca de respostas em situações diversas é uma das estratégias mais importantes que o professor deve mediar nos alunos para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor criar juntamente com os alunos situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, o que contribuirá para uma prática de letramento mediante a alfabetização.

No que diz respeito à educação da criança quilombola, Padilha e Nascimento (2010) afirmam

que no período da implantação da República no Brasil, os grupos escolares republicanos, durante as primeiras décadas de sua implantação, atenderam alguns alunos oriundos das camadas pobres da sociedade brasileira.

Segundo essas autoras, é importante salientar que nesse período histórico, um grande número de crianças, pobres e negras, viviam em locais distantes das áreas urbanas, o que as isentava da obrigatoriedade do ensino.

As poucas crianças negras que conseguiram frequentar os grupos escolares republicanos sofriam com a hostilidade e com o preconceito. Eram vistas como desinteressadas e mal educadas, o que acarretaria, segundo o discurso burguês, na transmissão desses maus hábitos para as crianças brancas que teriam que conviver e dividir os espaços escolares com essas crianças (PADILHA E NASCIMENTO, 2010, p. 12).

As crianças quilombolas vivem numa sociedade que onde são discriminadas e sofrem todo tipo de preconceito. Acredito que a escola pode mudar essa realidade, uma vez que pode conscientizar as pessoas a agirem de uma forma diferente.

2.4.2. Alfabetização e Letramento¹⁷

A educadora Magda Soares¹⁸ argumenta que a criança precisa ser alfabetizada convivendo com material escrito de qualidade. Assim, ela se alfabetiza sendo, ao mesmo tempo, letrada. É possível alfabetizar letrando por meio da prática da leitura e escrita. Para isso, essa autora afirma

¹⁶ Fonte: <http://www.colecaoegusto.com.br>. Magda Becker Soares, doutora em educação, fala sobre as diferenças entre letramento e alfabetização. Ela destaca a importância do aluno ser alfabetizado em um contexto em que leitura e escrita tenham sentido. Acesso 24-nov-2015.

¹⁷ Fonte: http://www.editoradobrasil.com.br/educacaoinfantil/letramento_e_alfabetizacao/ Acesso 24-nov-2015.

¹⁸ Fonte: <http://www.colecaoegusto.com.br>. Magda Becker Soares, doutora em educação, fala sobre as diferenças entre letramento e alfabetização. Ela destaca a importância do aluno ser alfabetizado em um contexto em que leitura e escrita tenham sentido. Acesso 24-nov-2015.

que é preciso usar jornal, revista, livro. Sobre as antigas cartilhas que ensinavam o “Vovô viu a uva”, a educadora afirma que muitas crianças nunca viram e nem comeram uma uva. Para Paulo Freire (1968), não basta saber ler que “Eva viu a uva”. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.

Portanto, segundo Magda Soares¹⁹, é necessária a prática social da leitura que pode ser feita, por exemplo, com o jornal, que é um portador real de texto, que circula informações, ou com a revista ou, até mesmo, com o livro infantil. O mais importante é não nos esquecermos de que tem que haver uma especificidade, aprendizagem sistemática sequencial, de aprender.

2.5. Considerações Finais

Neste capítulo apresentamos as teorias que fundamentam a pesquisa. No capítulo seguinte tratamos de discutir e analisar os dados gerados etnograficamente.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

3.1. Considerações Iniciais

Esta seção contempla a descrição e análise dos dados da pesquisa, quando são apresentadas, com detalhes, o ambiente onde essa se realizou, com ênfase à escola Maiadinha.

3.2. Um lugar do Quilombo Chamado Maiadinha²⁰

Segundo Natanael Dias (2014), O quilombo Kalunga possui em seu território entre os vãos de

serra diversas comunidades. Entre elas temos a comunidade da Maiadinha no Vão do Moleque. A Maiadinha é um dos lugares mais centrais do quilombo.

A Comunidade Maiadinha está a mais de 100 km da cidade de Cavalcante, que é a cidade que tem estrada para essa comunidade. Esse é um local bastante populoso, pelo mapeamento da antiga Sucam, lá existem 32 casas. A entrada que é feita a pé, passa pelo rio Paranã, pelo Vão de Almas e Riachão, atravessando o rio em Preto e chegando então a Maiadinha.

3.2.1. A Escola Maiadinha

A pesquisa se efetivou na Escola Municipal Maiadinha, na comunidade Vão do Moleque em Cavalcante, Goiás. Esta é uma escola ampla que atende desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. Nessa escola quase todas as turmas são multisseriadas, só não é multisseriada a primeira série e o quinto ano.

Segundo Débora de Lima Velho Junges (2013, p. 2):

As atuais políticas públicas direcionadas à questão da melhoria da qualidade educacional em escolas rurais multisseriadas, estão vinculadas às orientações estabelecidas na Lei nº 9394/96 – LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), propondo medidas de adequação da organização escolar, das propostas metodológicas e curriculares à vida do campo. Pertinente à Educação Básica, o artigo 28 da LDB determina que: Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e

¹⁹ Idem, Idem.

²⁰ Fonte: <http://nathanaeldias.blogspot.com.br/2014/03/um-lugar-do-quilombo-chamado-maiadinha.html>. Acesso 24-nov-2015.

de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. O referido artigo possibilitou um avanço nas discussões brasileiras sobre a educação rural e educação do campo, e nas concepções de espaço rural e de campo. Do mesmo modo, propiciou caminhos para a implantação das Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.

A Escola Miadinha tem quatro professores: uma professora de primeira série, um professor que trabalha com o segundo e terceiro ano e outra professora que trabalha com o pré III e o quarto ano. E um que trabalha com o quinto ano. Tem duas merendeiras, dois porteiros e um servente, além de uma supervisora que auxilia todos os funcionários. A Escola é composta por cinco salas de aulas, uma sala de professores, uma cantina e dois alojamentos para professores. Essa escola municipal atende a 57 crianças contando da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental.

Os graus de escolaridade dos professores dessa Escola são o seguinte: a professora da 1ª série formada em licenciatura em a Educação do Campo. O professor do 2º e 3º ano tem somente o ensino médio, a professora do Pré III e do 4º ano formando em licenciatura em Educação do Campo e o professor do 5º ano formando em Ciências contábeis.

A primeira série é composta por dez alunos, sendo 7 meninos e 3 meninas, todos com seis

anos de idade, ocupando uma sala ampla com 8m quadrados, onde tem uma mesa com cadeira para a professora “N”²¹. Tem também um filtro de água, uma mesa com vários livros de historinhas e brincadeiras que é chamado por biblioteca do (pacto) e alguns cartazes na parede com músicas e brincadeiras. Tem também dez carteiras com a cadeira que são os suportes para confortar os estudantes, tendo uma cadeira diferenciada com maior conforto para uma aluna que é especial.

3.3.2.1. A Professora “N”: uma colaboradora

A professora “N”, participante da pesquisa, tem 38 anos de idade e é formada em Licenciatura em Educação do Campo, na universidade UnB de Planaltina FUP. Ela trabalha com a educação infantil há 9 anos, mas já trabalhou com o segundo ano por cinco anos letivos, depois com o pré III por dois anos, e atualmente, faz dois anos que está trabalhando com o primeiro ano. Segundo ela, a forma de como trabalhar os conteúdos é sempre diversificada os alunos gostam de trabalhar com um material “vivo” dentro da sala de aula, esse material deve estar em constante ampliação para a utilização. A professora também informou que precisa adotar dois planos de aula por dia, devido à necessidade de contemplar uma estudante especial que ainda não consegue trabalhar junto aos avanços dos colegas, pois tem pouca desenvoltura na coordenação motora para copiar do quadro, resolver as atividades e até mesmo para o debate dentro da sala de aula.

Falando dos outros estudantes, a Professora “N” afirma que o aprendizado também não é único, pois cada um tem um grau de dificuldade, devido

²¹ Visando a resguardar a identidade da Professora, a nomeamos apenas pela inicial “N”.

os modos de vida que os alunos trazem consigo, alguns morando muito longe da escola, acordando muito cedo, e vindo a pé para a Escola. Ademais, a Escola não tem um bom suporte para amparar os alunos, pois as vezes falta material didático, não tem nenhum tipo de brinquedo, nem mesmo uma bola. E, outras vezes, falta até mesmo o lanche escolar, e isso faz com que as aulas se tornem conteúdistas, cansativas e o rendimento dos alunos acabam sendo inferiores ao dos outros alunos que tem uma vida mais facilitada, conclui

a Professora.

Segundo ela, a forma de como avaliar os alunos é contínua e se dá de acordo com a frequência escolar dos estudantes, a cada dia ela trabalha com conteúdo e metodologia diferentes e se o aluno não estiver presente, o seu aprendizado vai ficar desfalcado em determinado assunto.

3.3.2.2. Alfabetizando e Letrando: a ação pedagógica da professora



Foto: 5 Aula do primeiro ano "A"²².

A Professora "N" entende que sua metodologia alfabetiza as crianças letrando, pois possibilita que estas mantenham contato com a leitura e a escrita em diferentes tipos de atividades.

As atividades trabalhadas na sala do primeiro ano são: o alfabeto, as vogais, as consoantes, a família silábica, palavras, ligar e separar silaba, leitura,

contar os numerais e vários tipos de brincadeiras. Segundo a Professora "[...] as cantigas, as parlendas, os travas línguas também são uma das grandes contribuições no letramento infantil das crianças quilombolas da escola Municipal Maiadinha Vão do Moleque em sua fase de alfabetização".

²² Foto: Dulcimar C. dos Santos 30/09/2015.

Para a professora “N”, o RCNEI é um material de apoio pedagógico importante, ao esclarecer que um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto situações de usos reais de leitura e escrita das quais as crianças têm oportunidade de participar, e apresenta as seguintes sugestões para a organização de um ambiente simultaneamente “alfabetizador e letrador”, conforme o excerto 1.

Excerto 1²³.

Alfabeto num varal, perto dos alunos e na altura deles, no início do ano.

Espaço para exposição de textos usados na leitura compartilhada, para que eles possam recuperá-los quando quiserem.

Mural para exposição da produção dos alunos.

Biblioteca de classe, com materiais diversos de leitura.

Calendário com uma folha para cada mês que poderá ser preso a um cabide de saia (os alunos deverão receber uma folha de calendário similar para prender no caderno no começo de cada mês, para que façam a mesma marcação do calendário grande).

Banco de palavras.

Listagem com o primeiro nome de todos os alunos, organizados em ordem alfabética e tendo a letra inicial destacada em vermelho (usar letra maiúscula).

Numerário (sequência numérica de 0 a 10 e numeral/ quantidade/ número).

Afirma ainda a professora “N” que as crianças têm preferências por atividades diferentes e cada uma apresenta um ritmo próprio. Assim sendo:

Excerto 2.

O desenvolvimento das atividades psicomotoras, do relacionamento com os outros, da fala e de diversas outras formas de comunicação vão acontecendo em épocas relativamente distintas. As crianças reagem de formas diferentes, por isso o ambiente alfabetizador precisa ser organizado e assimilar hábitos de trabalho que contribuam para a independência de cada uma delas. A sala de aula deve estar preparada de forma a despertar o interesse pela leitura, pela escrita e pelo manuseio do material didático. Tem que trabalhar um material "vivo" na sala de aula, ou seja, está em constante ampliação e utilização; é uma escrita de referência para os alunos. E assim Explore ao máximo o material. Esse é o que se chama de ambiente alfabetizador. (PROFESSORA “N”).

Uma atividade pedagógica bastante utilizada na Escola Maiadinha, que promove não somente a alfabetização, mas também o letramento são as brincadeiras infantis. O brincar ensina a criança a lidar com as emoções. Por meio da brincadeira, a criança equilibra as tensões provenientes de seu mundo cultural, construindo sua individualidade, sua marca pessoal e sua personalidade. Portanto, a escola deve facilitar a aprendizagem utilizando atividades lúdicas que criem um ambiente alfabetizador a fim de favorecer o processo de aquisição de autonomia na hora do aprendizado²⁴. As atividades lúdicas, quando bem direcionadas, trazem benefícios que proporcionam saúde física, mental, social e intelectual à criança, ao adolescente e até mesmo ao adulto. Elas propiciam benefício físico – os jogos lúdicos devem ser a base principal dos exercícios físicos oferecidos às

²³ RCNEI; SEF, 1998, p. 154, com adaptações.

²⁴ Fonte: http://www.editoradobrasil.com.br/educacaoinfantil/letramento_e. Acesso 24-nov-2015.

crianças, pelo menos durante o período escolar – e intelectual – o brinqueado contribui para a desinibição, produzindo uma excitação mental altamente estimulante²⁵.

Com efeito, a Professora “N”, educadora do primeiro ano A, ao falar sobre letramento e alfabetização na educação infantil das crianças quilombolas da Escola do Campo Maiadinha, Comunidade Kalunga Vão do Moleque, expressa as dificuldades enfrentadas não apenas por ela, mas também por todos os funcionários, pois as condições que a Escola oferece, principalmente aos professores, dificultam o fazer pedagógico. Porém a Professora “N” se desdobra para realizar um trabalho docente em que a aula seja diferenciada, na qual os alunos gostam de estudar, pois sentem que aprendem. Todavia, percebemos que isso não é nada fácil, principalmente pela falta de materiais didáticos, que é muito frequente nas escolas do campo brasileiras.

Além do mais, a escola enfrenta a falta de energia elétrica, não tem *internet* e impressoras, o que contribui nas dificuldades e reduz as possibilidades de trabalhar com aulas diferenciadas. A Professora “N” conclui que isso faz com que as aulas se tornem conteudistas e às vezes até mesmo rotineiras.

3.3.2.3. Alfabetizando e Letrando: a visão das crianças quilombolas

No período em que estive acompanhando as aulas durante a pesquisa, tive oportunidade de conviver com os alunos, num total de dez do primeiro ano A da classe da Professora “N”. Sobre as práticas

de alfabetização e letramento da escola municipal Maiadinha.

Excerto 3

O aluno R. falou que “gosta muito das aulas da tia “N”, mas as vezes tem que pedir para brincar um pouco quando já estamos ficando cansados de ler e escrever, ainda bem que ela é muito compreensiva, ela deixa nós brincarmos com o quebra cabeça todos os dias”.

O aluno y. afirmou que mora longe da escola e nem todos os dias tem transporte escolar, mas mesmo assim ele vai para a escola todos os dias e gosta muito de estudar.

O aluno N. afirmou que mora bem pertinho da escola e vai todos os dias, a pé ou de bicicleta, adora estudar e brincar com os amigos.

O aluno y. afirmou que mora longe da escola e nem todos os dias tem transporte escolar, mas mesmo assim ele vai para a escola todos os dias e gosta muito de estudar. O aluno N. Disse que mora bem pertinho da escola e vai todos os dias, a pé ou de bicicleta, adora estudar e brincar com os amigos.

Os demais alunos afirmaram que a Escola é muito boa a professora é maravilhosa e não estão preocupados se vão a pé ou no transporte escolar o que não gostamos mesmo é de faltar aula.

Evidencia-se que as crianças quilombolas, como todas as crianças, gostam de brincar, e essa deve ser uma atividade do cotidiano da escola. A importância do lúdico é exaltada na seção a seguir, quando apresentamos as brincadeiras como um aspecto primordial no desenvolvimento do trabalho com a linguagem, promovendo

²⁵ Fonte: http://www.editoradobrasil.com.br/educacaoinfantil/letramento_e. Acesso 24-nov-2014.

alfabetização e letramento em crianças pequenas.

3.4. A importância do desenvolvimento da linguagem oral para o Letramento e a Alfabetização²⁶

Que relação a linguagem oral tem com o desenvolvimento da leitura e da escrita? Como sabemos, a fala é o principal instrumento de comunicação das crianças com os professores e os colegas. Entretanto, é recente a tendência de torná-la um conteúdo na escola. Hoje, compreende-se que todos precisam saber se expressar e usar a linguagem em variadas situações comunicativas: conversas, entrevistas, seminários, ao telefone, entre tantas outras. Para desenvolver a comunicação oral desde cedo, é importante diversificar os assuntos tratados em sala de aula. O grupo pode discutir uma reportagem, um fato recente ou até um texto científico. Trazer outras pessoas para bater papo também ajuda. A importância do desenvolvimento da linguagem oral não se limita a questões ligadas aos relacionamentos sociais, como aprender a se comunicar, a expressar suas ideias, pensamentos e dúvidas. É fundamental também para o desenvolvimento cognitivo²⁷, principalmente ligado ao aprendizado da escrita

e da leitura.

Por meio de um trabalho de desenvolvimento da oralidade, as crianças aprendem a distinção entre linguagem oral e escrita (quando percebem que o que está sendo lido não é exatamente igual ao que está sendo contado), organizam o pensamento e a linguagem, ampliam o vocabulário, aprendem a explicar, justificar, opinar e argumentar para defender seus pontos de vista.

O trabalho com a linguagem oral é fundamental também como preparação para a produção de textos, pois, mesmo no momento em que as crianças não escrevem convencionalmente, elas podem produzir textos oralmente trabalhando a organização de ideias, a topicalização dos fatos, a coerência, a organização discursiva dos textos.

Dessa forma, percebe-se que o trabalho com a linguagem oral é pré-requisito fundamental, devendo estar presente em todas as aulas, contribuindo para a alfabetização e o letramento infantil.

3.5. O desenvolvimento da linguagem escrita²⁸

Como se desenvolve a linguagem escrita? Para

²⁶ Texto parafraseado, disponível no blog "Editora do Brasil: Portal de Educação Infantil. "Letramento e Alfabetização na Educação Infantil". Disponível: http://www.editorado brasil.com.br/educacao infantil/letramento_e_alfabetizacao. Acesso 24-nov-2015.

²⁷ O **desenvolvimento cognitivo** é um campo de estudo da neurociência e psicologia focada no desenvolvimento de uma criança em termos de processamento de informações, recursos conceituais, habilidade perceptiva, a aprendizagem de línguas, e outros aspectos do desenvolvimento do cérebro em relação ao ponto de vista de um adulto. Em outras palavras, o desenvolvimento cognitivo é o processo do surgimento da capacidade de pensar e compreender. Uma grande parte desse estudo tem partido da visão de mundo na qual criança possui. Jean Piaget foi notável nesta área, através de sua epistemologia. Piaget propôs quatro períodos gerais de desenvolvimento cognitivo: sensório-motor, pré-operacional, operacional-concreto e operacional-formal. Embora muitos de seus argumentos teóricos, caíram em desuso, sua descrição das alterações mais notáveis na cognição ao longo dos anos de vida de um indivíduo é geralmente aceito ainda nos dias de hoje. Piaget identificou e descreveu muitas mudanças cognitivas que necessitam de explicações, como a permanência do objeto na infância e para a compreensão das relações lógicas, além do raciocínio de causa e efeito nas crianças em idade escolar. Vários dos fenômenos descritos pelo pensador ainda causa o interesse de muitos pesquisadores atuais. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_cognitivo. Acesso 24-nov-2015.

²⁸ Texto parafraseado, disponível no blog "Editora do Brasil: Portal de Educação Infantil. "Letramento e Alfabetização na Educação Infantil". Disponível: <http://www.editorado brasil.com.br>. Acesso 24-nov-2015.

que aprender a escrever e a ler? A construção da escrita caracteriza-se por ser um processo que ocorre nas interações sociais vivenciadas pela criança, isto é, na interação com os adultos, a qual não somente vai dando sentido à escrita da própria criança, como também contribui para que ela se torne "sujeito". Dessa forma, a alfabetização como prática social precisa lidar com textos reais e com as reais necessidades de leitura e escrita, para que as crianças percebam a função social de tal aprendizado e assim estabeleçam um diálogo com o mundo.

Nessa perspectiva, Soares (2001, p. 13)²⁹ afirma que

[...] a função da escola, na área de linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, explorando tanto a língua oral quanto a escrita como forma de interlocução, em que quem fala ou escreve é um sujeito que em determinado contexto social e histórico, em determinada situação pragmática, interage com um locutor, também um sujeito, e o faz levado por um objetivo, um desejo, uma necessidade de interação.

A aprendizagem do uso da escrita, na escola, torna-se um aprendizado a mais: ser capaz de assumir sua palavra na interação com interlocutores que reconhece e com quem deseja interagir para atingir objetivos e satisfazer desejos e necessidades de comunicação. Portanto, é fundamental que, no processo de alfabetização, as crianças saibam as funções sociais e as finalidades da leitura e da escrita; precisam saber para que se aprenda a escrever e a ler. Só compreendendo e praticando esse exercício é que a alfabetização terá sentido.

a) Que tipo de letras se devem usar na alfabetização?³⁰

A proposta de alfabetização e letramento deve naturalmente adequar-se às exigências da realidade atual. Nessa realidade, a letra de imprensa está presente em todos os momentos da vida de crianças e adultos: nos livros, na televisão, nas revistas, nos jornais, nas embalagens, nos rótulos, no teclado do computador. Sendo assim, fica claro o papel social fundamental da letra de imprensa na alfabetização.

Começar a alfabetização com letra de imprensa maiúscula é uma tentativa de respeitar a sequência do desenvolvimento visual e motor da criança. Esse tipo de letra, por ter um traçado mais simples, possibilita uma ampliação de tempo para pensar sobre a escrita dos diversos tipos de texto, das palavras e das letras que devem ser usadas para representar os sons.

a) E a letra cursiva não precisa mais ser ensinada?³¹

Na verdade, não existe apenas um alfabeto, e sim vários tipos de alfabetos, e todos são socialmente importantes. Dessa maneira, a alfabetização precisará trabalhar com todos os tipos de letras, iniciando o trabalho com letra de imprensa maiúscula para a leitura e para a escrita. Em paralelo, deve estabelecer a relação desses tipos de letras com as cursivas, trabalhando a movimentação delas na pauta dupla. A letra de

²⁹ SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 13-60. Disponível: <http://www.editoradobrasil.com.br>. Acesso 24-nov-2015

³⁰ Texto parafraseado, disponível no blog "Editora do Brasil: Portal de Educação Infantil. "Letramento e Alfabetização na Educação Infantil". Disponível: <http://www.editoradobrasil.com.br>. Acesso 24-nov-2015.

³¹ Texto parafraseado, disponível no blog "Editora do Brasil: Portal de Educação Infantil. "Letramento e Alfabetização na Educação Infantil". Disponível: <http://www.editoradobrasil.com.br>. Acesso 24-nov-2015.

imprensa minúscula deve ser usada apenas para a leitura, embora possa ser utilizada para a escrita com o auxílio do alfabeto móvel.

Algumas observações importantes em relação às letras:

Letra de imprensa minúscula ou script

É importante esclarecermos que essa letra é apenas para leitura, nunca para escrita. É importante que você esteja atento, pois, como algumas letras e também números apresentam formas semelhantes, diferenciando-se apenas pela posição espacial (b/d/p/q/g/6/9, u/n), algumas crianças confundem o fonema correspondente na hora de ler (dola/bola).

Letra cursiva maiúscula e minúscula

A letra cursiva tem este nome por seu traçado obedecer a um curso, uma continuidade. É uma letra basicamente escolar, ou seja, usada predominantemente na escola. É importante que os alunos a conheçam para ler e, se possível, escrever. Mas algumas crianças não o conseguem, principalmente aquelas com Necessidades Educativas Especiais (NEEs). Por ela não ser encontrada nos escritos diários (jornais, revistas, livros, outdoor, computador etc.), seu uso exclusivo em sala de aula dificulta a leitura geral dos alunos.

Mesmo assim, é importante que a criança aprenda o traçado correto desse tipo de letra e use a letra maiúscula com propriedade. Acima de tudo, seja qual for a letra usada, o essencial é que seja legível.

3.6. Consciência fonológica e seu desenvolvimento³²

O que é consciência fonológica? Como ela se

desenvolve? Qual é sua importância para a alfabetização? E para o letramento?

A consciência fonológica pode ser definida como a habilidade de manipular a estrutura sonora das palavras, desde a substituição de determinado som até sua segmentação em unidades menores. É uma capacidade cognitiva a ser desenvolvida, uma vez que contribui para o processo de aquisição da leitura e da escrita. Sua importância está ligada à compreensão do princípio alfabético e ao desenvolvimento de habilidades, como o reconhecimento de sílabas e fonemas numa palavra.

Diversas formas linguísticas com as quais uma criança tem contato contribuem para a formação de sua consciência fonológica, dentre as quais se destacam músicas, cantigas de roda, poesias, parlendas, jogos orais e a própria fala. É de suma importância no desenvolvimento da consciência fonológica o trabalho com rima e aliterações.

A rima é a identidade sonora que ocorre, geralmente, no final das palavras. Por exemplo, para rimar com **sapato**, a palavra deve terminar em **ato**; para rimar com **café**, a palavra precisa terminar somente em **é**. **A equivalência deve ser sonora e não necessariamente gráfica**, ou seja, as palavras **massa** e **caça** rimam, pois os sons que terminam são iguais, independentemente da forma ortográfica.

3.7. Cantigas, parlendas e trava-línguas: contribuição para o letramento³³

³² Texto parafraseado, disponível no blog “Editora do Brasil: Portal de Educação Infantil. “Letramento e Alfabetização na Educação Infantil”. Disponível: http://www.editorado brasil.com.br/educacaoinfantil/letramento_e_alfabetizacao. Acesso 24-nov-2015.

³³ Texto parafraseado, disponível no blog “Editora do Brasil: Portal de Educação Infantil. “Letramento e Alfabetização na Educação Infantil”. Disponível: http://www.editorado brasil.com.br/educacaoinfantil/letramento_e_alfabetizacao. Acesso 24-nov-2015.

As cantigas de roda, as parlendas, as quadrinhas e os trava-línguas, adivinhas, antigas manifestações da cultura popular, universalmente conhecidas e mantidas vivas através da tradição oral. São textos que pertencem a uma longa tradição de uso da linguagem para cantar, recitar e brincar. A maioria deles é de domínio público, ou seja, não se sabe quem os inventou. Foram simplesmente passados de geração a geração, das pessoas mais velhas para as pessoas mais novas³⁴.

Cada um desses textos são descritos a seguir³⁵.

As cantigas de roda são textos que servem para brincar e divertir. Com bastante frequência se encontram associadas a movimentos corporais em diferentes brincadeiras infantis.

As adivinhas servem para divertir e provocar curiosidade. São textos curtos, geralmente encontrados na forma de perguntas: O que é, o que é? Quem sou eu? Qual é? Como? Qual a diferença?

Os trava-línguas brincam com o som, a forma gráfica e o significado das palavras. A sonoridade, a cadência e o ritmo dessas composições encantam adultos e crianças. O grande desafio é recitá-los

sem tropeços na pronúncia das palavras.

As parlendas são conjuntos de palavras com arrumação rítmica em forma de verso, que podem rimar ou não. Geralmente envolvem alguma brincadeira, jogo, ou movimento corporal.

As quadrinhas são estrofes de quatro versos, também chamadas de quartetos. As rimas são simples, assim como as palavras que fazem parte do seu texto.

Com efeito, a presença desses textos na sala de aula favorece a valorização e a apreciação da cultura popular, assim como o estabelecimento de um vínculo prazeroso com a leitura e a escrita. Quando os alunos ainda não leem e escrevem convencionalmente, atividades de leitura e escrita com esses textos, que pertencem à tradição oral e as crianças conhecem de memória, podem possibilitar avanços nas hipóteses dos alunos a respeito da língua escrita.

3.7.1. Cantigas

As figuras representam as cantigas que as crianças quilombolas apreendem na escola e que contribui para o letramento e a alfabetização.

³⁴ Fonte: <http://crieprojetos.blogspot.com.br/2013/09/o-que-sao-poemas-cancoes-cantigas.html>. Acesso 25-nov-2015.

³⁵ Fonte: <http://crieprojetos.blogspot.com.br/2013/09/o-que-sao-poemas-cancoes-cantigas.html>. Acesso 25-nov-2015.

A CANOA VIROU



1ª parte

Forma-se um círculo e, de mãos dadas, a turma canta os versos a seguir trocando o nome "Maria" pelo nome de um aluno, que deverá ir para o centro da roda. Depois, repete-se a música falando o nome de outro aluno até que todas as crianças tenham ido para o centro.

A canoa virou
Por deixar ela virar
Foi por causa da Maria
Que não soube remar.

2ª parte

Depois, você deve cantar a estrofe a seguir. Quando ouvir seu nome, o aluno deve sair do centro da roda e ficar de costas para ela. Repete-se a música até que todos tenham saído da posição da 1ª parte da cantiga.

Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar,
Eu tirava a Maria do fundo do mar.

Fig. 1. A canoa.

Caranguejo

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe, na
enchente da maré,
Palmas, palmas, palmas, pé,
pé, pé.
Roda, roda, roda,
caranguejo, peixe é.



Fig. 2. Caranguejo



MARCHA SOLDADO

Marcha soldado, cabeça de papel.
Se não marchar direito, *(crianças marchando)*
Vai preso pro quartel.


Corre soldado, cabeça de papel.
Se não correr direito, *(crianças correndo)*
Vai preso pro quartel.

Pula soldado, cabeça de papel.
Se não pular direito, *(crianças pulando)*
Vai preso no quartel.

As crianças mudam os movimentos de acordo com a letra da música e as ordens dadas por quem está cantando:

Anda soldado...
Senta soldado...
Grita soldado...
Dorme soldado...

Fig. 3. Marcha Soldado.



Sapo cururu

Sapo cururu, da beira do rio,
Quando o sapo canta ó maninha é
porque tá com frio,
A mulher do sapo, deve estar lá
dentro fazendo rendinha ó
maninha,
Pro meu casamento.

Fig. 4. Sapo cururu.

3.7.2. Parlendas

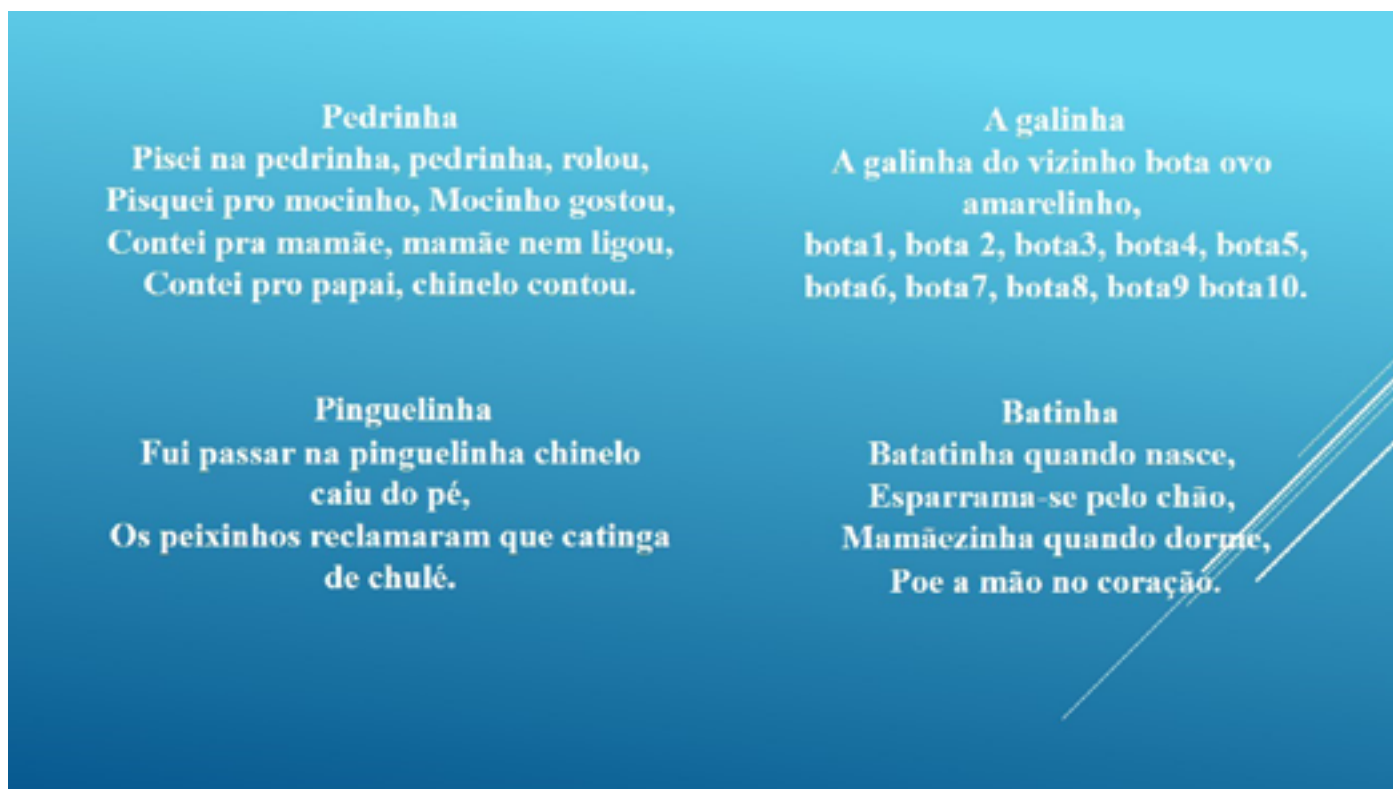


Fig. 5. Parlendas

3.7.3. Trava-línguas

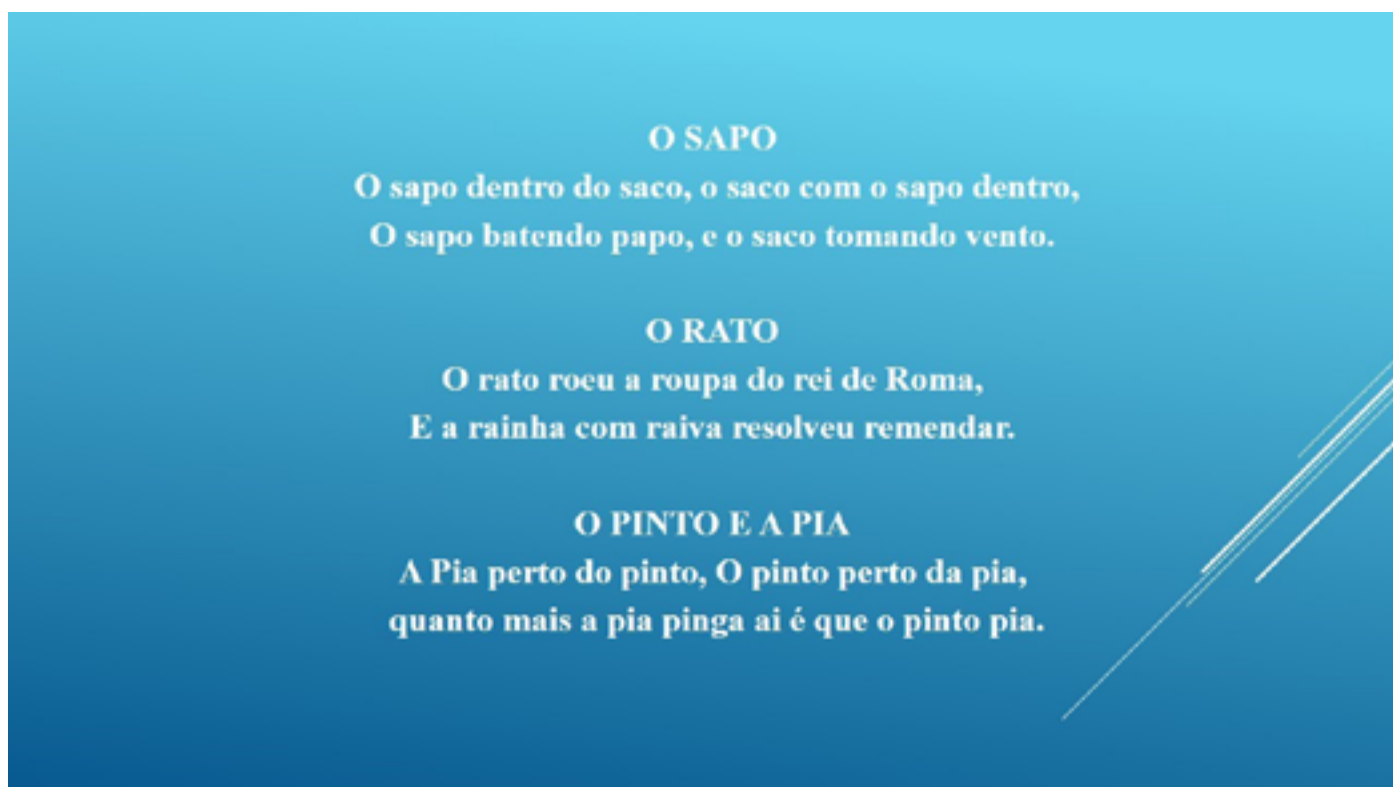


Figura 6. Trava-línguas

3.8. Considerações finais

Neste capítulo foram discutidos e analisados os resultados da pesquisa na comunidade Maiadinha de Vão do Moleque, Cavalcante, Goiás. A seguir trazemos as conclusões a que chegamos após a realização do trabalho.

CONCLUSÃO

Neste trabalho percebemos que através de um ambiente lúdico e alfabetizador, as crianças da Educação Infantil podem aprender com entusiasmo. Eles devem encontrar um lugar apropriado para o uso da leitura e da escrita, dentro da sala de aula. O principal objetivo dessa pesquisa foi mostrar que na Educação Infantil, o professor pode trabalhar práticas de leitura e escrita, promovendo um letramento infantil.

Sendo assim, pudemos perceber durante as observações, como os alunos aprendem com suas vivências e que a Educação Infantil é um momento muito rico de aprendizagem, onde aprender é um prazer que eles buscam, exercendo suas curiosidades e com isso elas se desenvolvem. Por isso percebemos que o papel fundamental do professor, é oferecer um planejamento de qualidade para a sua turma, o desenvolvimento

da linguagem tanto oral como escrita, que se efetiva através da interação com o adulto.

Durante a pesquisa percebemos que, trabalhar com atividades sobre alfabetização, e letramento, só traz benefícios aos pequenos, se bem desenvolvidos e propostos através de atividades, onde se evidencie o lúdico, e a ludicidade deve ser ponto de partida para qualquer aprendizagem. Na Educação Infantil, é brincando que eles aprendem. Também ficou claro que praticas de letramento, devem acontecer, juntamente com atividades de alfabetização, na Educação Infantil, uma vez que esses conceitos se complementam, para oferecermos um espaço de acesso e leitura completo. Pois se trabalharmos de uma forma dissociada do contexto da criança, pode ser prejudicial à aquisição aprendizagem de forma integral.

Logo, vimos que podemos oferecer um espaço onde os alunos podem aprender sobre leitura e escrita, antes do Ensino Fundamental. E que esse espaço torna-se fundamental no contexto em que vivemos hoje. As crianças mergulhadas em um ambiente alfabetizador conseguem, mais cedo, perceber que estão inseridas em um mundo letrado que posteriormente precisarão entender.

REFERÊNCIAS

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Alfabetização e letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 3, n. 1, p. 18-36, jan. jun. 2010. disponível on-line: <https://www.metodista.br/revistas/revistas>. Acesso 01-Abr-2015. 09:20h.

MARINHO, Thais Alves. **Identidade e Territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da

Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal de Goiás, 2008.

PADILHA, Lucia Mara De Lima; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Processo educativo das crianças negras nas comunidades quilombolas do Paraná**. Disponível on line: sbhe.org.br. Acesso dia 31-Mar-2015. 17:30h.

SOARES, MAGDA. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.